

COMUNICAÇÃO E TECNOLOGIA: EDUCAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO

"Não dá mais pra segurar", diria o querido Gonzaguinha: os meios de comunicação, com os avanços tecnológicos da atualidade, são presença em todos os espaços onde a vida acontece. Eles estão nas salas de aula, nas famílias, nas conversas de trabalho, nos núcleos e grupos de educação não-formal etc. E sua presença não depende do aparelho ligado. Sequer depende de o indivíduo possuir ou não o aparelho (de rádio, de televisão, de vídeo) ou ser assinante do jornal ou da revista.

É que os meios de comunicação, graças à tecnologia, cumprem cada vez mais eficientemente seu papel de *mediar*, ou seja, contar para nós, ao modo deles, o que acontece no mundo. Eles próprios contam ou "são contados" para nós pelos nossos amigos, colegas e familiares. Os fatos do mundo? Não, muitas vezes eles contam para nós o que acontece na nossa cidade. (Ah! Tudo bem. Há cidades que são tão grandes!) É. Mas eles nos contam também aquilo que aconteceu até no nosso trajeto. E, quando vemos, ouvimos ou lemos, narrado pelos meios de comunicação, o fato que presenciávamos, acabamos por dizer: "Puxa! Eu não tinha percebido todos esses lances". Ou seja: o acontecimento que vimos foi editado. Como dizíamos no número 1: "editar é construir uma realidade outra, a partir de supressões ou acréscimos em um acontecimento. Ou, muitas vezes, apenas pelo destaque de uma parte do fato em detrimento da outra".¹ E é isso o que ocorre. A nossa percepção registrou, no fato que vimos no percurso da nossa casa ao local de trabalho, aspectos que para nós são os mais importantes. Mas os meios de comunicação, ao noticiá-lo, destacam outros aspectos e, de repente, parece que nos convencemos de que não havíamos visto *com clareza* aquele fato. O

A AUTORA

Maria Aparecida Baccega

Doutora em Letras e Ciências da Comunicação. Professora Associada da Escola de Comunicações e Artes da USP. Especialista em Linguagem Verbal nos Meios de Comunicação. Coordenadora do Curso "Gestão de Processos Comunicacionais".

fato que vimos no caminho de nossa casa ao trabalho agora já parece ser outro. É a mediação.

E a tecnologia, que encurta distâncias e reduz o tempo, cumpre aí papel fundamental. Basta pensarmos nas caravelas (podem ser a Santa Maria, a Pinta e a Niña, que já foram até objeto de marchinha carnavalesca) e o tempo que gastavam para chegar de um continente a outro. Elas também traziam e levavam notícias: lembramos a carta de Pero Vaz de Caminha, nosso discurso fundador. Agora, vamos comparar com noticiários que lemos, ouvimos ou vimos no dia de ontem. Parece-nos que já nem se pode discutir mais: só com a utilização e o domínio da tecnologia poderemos assumir plenamente a condição da cidadania.

Darcy Ribeiro, antropólogo, um dos mais respeitados intelectuais brasileiros, já nos ensinava, nos idos dos anos 60, no seu livro **O Processo Civilizatório** - etapas da evolução sociocultural: "Existe um alto grau de concordância entre os estudiosos quanto ao poder de determinação dos conteúdos tecnológicos sobre os sociais e ideológicos e quanto à possibilidade de seriar o desenvolvimento tecnológico em passos evolutivos do progresso humano. O acordo é igualmente amplo quanto ao caráter necessário das conexões entre o sistema tecnológico, o social e o ideológico de uma sociedade".²

São as inter-relações tecnologia-sociedade-ideologia que presidem o número 2 da revista **Comunicação e Educação**.

ARTIGOS NACIONAIS

Por isso, em ARTIGOS NACIONAIS, começamos com **As Comunicações sob o Impacto da Informática**, de Arlindo Machado. Aí o autor traça um paralelo entre o jornal impresso e a televisão, para discutir os rumos da imprensa escrita e sua histórica credibilidade, nesse mundo da informática.

O *jornal eletrônico* e as questões novas que ele gera merecem muita atenção de nossa parte. Se não partirmos rapidamente para a discussão dessa nova modalidade, ela será apenas mais uma utilização da tecnologia para editar o mundo, de modo cada vez mais monossêmico, ou seja, cada vez mais próximo de "uma única interpretação da realidade", sem a garantia da pluralidade de pontos de vista que, menos que caracterizar a sociedade democrática, é imprescindível ao próprio avanço dessa sociedade na construção de novas variáveis históricas. Sem a pluralidade de interpretações - a polissemia; sem o embate de várias concepções, a rigidez das interpretações retardaria muito qualquer avanço.

O *jornal eletrônico* utiliza-se do computador. E, como diz a matéria da revista **Veja**, de 19 de outubro de 1994³, "os ignorantes em informática não conseguem mais ser bons médicos, advogados, bibliotecários, secretárias ou vendedores de passagens aéreas. Num futuro muito próximo, não conseguirão trabalho nem no caixa do supermercado. 'No futuro, quem não souber

2. RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**: etapas da evolução sociocultural. Sed. Petrópolis, Vozes, 1979. p.34.

3. A revolução que liquidou o emprego. **Veja**, São Paulo, 19 out. 1994. pp.91-92

usar computador terá dificuldades até para ser porteiro', diz Mário Fleck, presidente da Andersen Consulting". E como ficarão os brasileiros, a maioria, que nasceram no "Brejo da Cruz", como diz Chico Buarque de Hollanda?

Um dos problemas que Arlindo Machado levanta é o seguinte: se o leitor vai poder acessar apenas aquela parte do jornal que lhe interessa (por exemplo, o profissional de economia pode ler somente a parte econômica do jornal), como ele vai ficar sabendo que as outras notícias do jornal realmente não tinham importância para ele? E mais, dizemos nós: hoje já se sabe que só têm lugar no mercado de trabalho os profissionais "flexíveis", ou seja, aqueles que são capazes de "entender de tudo um pouco", por terem uma "visão global das coisas". A mesma matéria da **Veja** ressalta que "quem não se informa sobre o mundo", não tem condições de resolver os problemas propostos nas empresas ou nas instituições. Luís Cabrera diz: "Quem não leu jornal ao meio-dia, à 1 hora da tarde já perdeu terreno para um grupo grande de pessoas".

Como também disseram Maria de Fátima Tálamo *et al.* no número 1 da revista⁴, a informação não é "mero inventário de dados". Ela tem que integrar com outras informações e com suas várias interpretações. Precisa ser confiável. E como ter tudo isso num *jornal eletrônico*? E como termos tudo isso no campo da comunicação e educação, na realidade brasileira?

Posta a importância da tecnologia, só nos resta insistir na necessidade de conseguirmos dominá-la, de sabermos utilizá-la de acordo com nossos objetivos. É preciso que saibamos não apenas "ler" os meios de comunicação, mas que essa leitura seja acompanhada de uma "efetiva iniciação tecnológica no campo da comunicação". Ismar de Oliveira Soares destrinça para nós, nesses aspectos, a nova LDB, já aprovada pela Câmara Federal e em tramitação no Senado. Seu artigo **A Nova LDB e a Formação de Profissionais para a Inter-relação Comunicação/ Educação** revela a preocupação dos legisladores e lembra que, para que não venha a ser letra morta, mais uma lei que "não pegou", é preciso que estejamos permanentemente atentos, para que haja uma efetiva "introdução da Comunicação Social no ensino formal, em todos os níveis". Gostaríamos de que a revista **Comunicação e Educação** colaborasse para isso. Afinal, estamos todos buscando a Educação para a Cidadania: esse, aliás, é o título do artigo de Walfrido S. dos Mares Ghia, que publicaremos no próximo número.

José Manuel Morán, em **O Vídeo na Sala de Aula**, leva-nos a uma reflexão sobre o papel que essa tecnologia pode exercer (ou já exerce) na educação. Apontando as características da linguagem do vídeo e, portanto, da televisão, o autor vai oferecendo quase um roteiro para que possamos discutir não só o vídeo, mas também, por exemplo, a linguagem do capítulo "de ontem" da novela tal. É claro que previamente combinado com os alunos. Nosso trabalho ficará movimentado, conheceremos melhor nossos alunos e conseguiremos "ver" coisas que jamais teríamos observado, não fossem as anotações deles das "cenas mais importantes", por exemplo.

4. TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves M. et al. Informação: do tratamento ao acesso e utilização. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n.1, pp. 15-20, set.-dez., 1994.

A maioria das atividades propostas pelo autor, preferencialmente realizadas com vídeo, também podem ser realizadas sem ele. Recortar gravuras e ilustrações de revistas e jornais velhos, distribuí-las entre os alunos e pedir-lhes que montem seu "filme", o qual poderá ser projetado, depois, usando-se o velho e bom esquema da caixa de sapato (ou outra) com uma vela acesa atrás, pode resultar em atividade muito interessante. A descoberta, por parte dos alunos, de que eles são capazes de *fazer* dá uma dimensão cultural outra a cada um. Mais um exemplo: se você não puder "dramatizar situações interessantes do vídeo já visto", que tal dramatizar ou o próprio capítulo de novela ou as notícias consideradas mais importantes. A idéia nem é original. Augusto Boal fez grande sucesso, na década de 70, com seu teatro-jornal. Ou ainda: e se um personagem da telenovela se encontrasse com alguém (que não está na trama) e os alunos fossem desenvolvendo histórias paralelas? Não é isso a novela? O artigo de Morán, sem dúvida, abre numerosas perspectivas: tanto teóricas quanto práticas.

Quais são, afinal, as aproximações e distanciamentos entre a modalidade de educação a que estamos acostumados (lousa e cuspe, como costumamos dizer) e a educação com uso de tecnologia, sobretudo a televisão.

Alfabetização de Jovens e Adultos e Televisão: possibilidades e perspectivas, de Maria Clara di Pierro trata desse tema. Uma das aproximações, segundo a autora, "reside no desvelamento do caráter político da relação educativa e na problematização do contexto cultural em que se desenvolve a alfabetização", tal como Paulo Freire já colocava no início da década de 60. A partir do embasamento teórico apresentado, o artigo constitui-se num verdadeiro Projeto de Atividades referente ao uso da televisão na educação. É preciso discuti-lo largamente.

E a televisão dita comercial vai bem, obrigado. Seus programas infantis vão melhor ainda. Por isso, este tema, que começamos a tratar no número 1, está de volta. Trata-se do artigo de Elza Dias Pacheco, especialista em TV e criança. **A Linguagem Televisiva e o Imaginário Infantil** aponta para aspectos importantes do imaginário infantil, mostrando como a criança "elabora as suas perdas, materializa os seus desejos, compartilha da vida animal, muda de tamanho", sem confundir *ficção* com *realidade*. Aliás, diz a autora, "uma não existe sem a outra. Não há realidade que não seja mesclada de ficção, e esta baseia-se no real". Sem dúvida, este artigo traz subsídios para que tenhamos melhores condições de refletir sobre a "recepção" dos programas de TV, conhecendo um pouco os caminhos da criança na elaboração desse "mundo de representações".

Há uma "tecnologia" que completa 100 anos em 1995. Imagem em movimento, movimentou as cabeças e imprimiu sua marca no século XX. Estamos falando do *cinema* que, como diz Marília Franco em seu artigo **Prazer Audiovisual**, pode facultar "incontáveis possibilidades" à educação, sem dissociar-se de *prazer*.

Fazendo um sucinto percurso histórico dessa arte, a autora lembra a visão de que "cinema educativo é chato" e aponta-nos, fundamentando teoricamente, alguns motivos desse desvio. Em seguida, ela nos faz mergulhar no mundo mágico do cinema, mostrando como cada um de nós, "embriaga-

dos de imagens, cerveja e discussão, atravessamos corajosos" e emocionados as noites e dias das nossas vidas.

O cinema voltará no próximo número. Valter Sales vai falar, por exemplo, da pornochanchada.

As narrativas do cinema e da televisão são agora base das narrativas dos quadrinhos. Os avanços tecnológicos da linguagem audiovisual (os videocliques, a computação gráfica, o controle remoto) resultaram nos *romances gráficos*. **O Caos dos Quadrinhos Modernos**, de Roberto Elísio dos Santos, desmonta para nós esta modalidade. Ela utiliza-se de uma pluralidade de focos narrativos em primeira pessoa, da simultaneidade das diferentes narrações, "um fato é mostrado de formas diferentes ou muitos fatos são mostrados ao mesmo tempo, com ação alternada", causando o "caos", característica da contemporaneidade. Aí está um novo jeito de narrar.

Ana Mae Barbosa, em seu artigo **Arte-Educação Pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular**, vai nos conduzir por reflexões que continuam a ser fundamentais para nós, brasileiros, sobretudo no momento em que discutimos os avanços tecnológicos: seremos nós colonizados "envergonhados", com mania de colonizadores? Seremos aqueles que, embora com competência para produzir, consideramos que o bom mesmo é ser apenas o que encomenda? Essas discussões, que trazem os pontos de vista de Paulo Freire e Oswald de Andrade, Albert Memmi e Roberto Retamar, entre outros, são o suporte para a apresentação da Proposta Triangular em Arte-Educação, da arte-educadora Ana Mae Barbosa, cujos êxitos já se manifestam e são contados neste artigo.

ARTIGO INTERNACIONAL

Publicamos a segunda e última parte do artigo **Televisão como Mito e Ritual**, tradução do original publicado pelo Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Saint Louis, nos Estados Unidos, do qual temos exclusividade em língua portuguesa. Nesta parte destaca-se o estudo da linguagem narrativa que caracteriza a televisão, o seu jeito de "contar histórias", o que faz com que ela atue como se fosse uma "pessoa" de nossas relações. Ela sempre narra "casos" que aconteceram aqui e acolá, construindo uma história sem-fim (como as **Mil e Uma Noites?**), caracterizando "uma conversação em andamento dentro de uma comunidade local, nacional ou internacional onde as últimas notícias, dramas, esportes e modas são nada mais do que o último episódio de uma história cultural contínua". Estabelecendo permanentemente as relações com a cultura, essas narrativas da televisão nos enredam e nos fazem "navegar por mares" não apenas "nunca dantes navegados", mas também pelos "nunca navegáveis". E cada vez saímos dessa experiência de "navegação" de modo diferente daquele que começamos o percurso. Logo, esse artigo, ajudando a compreender a escrita da "carta marítima", ajuda-nos a chegar a terra com horizontes ampliados. E não reduzidos.

ENTREVISTA

Já que, no campo da comunicação/ educação, estamos ressaltando o aspecto tecnológica/ formação/ mercado de trabalho, é fundamental discutirmos também o papel do que se convencionou chamar de televisão educativa. O artigo de Maria Clara di Pierro dá os primeiros sinais. **As Funções da Televisão Educativa**, entrevista com Roberto Muylaert, da **TV Cultura** de São Paulo, amplia a questão, com a competência de um profissional que tem obtido grande êxito. Entre outros aspectos, ele vai falar também da violência na televisão: será que os efeitos dessa violência são os mesmos nos países desenvolvidos e aqui? É preciso ler, com atenção. Existem saídas, existem caminhos para trilhar. E ele os aponta.

CRÍTICA

Desta vez, escolhemos como tema as campanhas publicitárias. Claro que esse tema será ainda objeto de outros números. Mesmo porque a linguagem publicitária tem o "poder" de enfeixar, mais que as outras, as questões sociais. Persuasiva pela própria natureza, ela explora os valores da sociedade, entre os quais o estereótipo. Discutindo a campanha da Benetton, com os artigos de Marcelo Coelho, publicado no jornal **Folha de S. Paulo: Benetton subverte padrões publicitários**, e o de Solange M. Couceiro de Lima, **A publicidade e os símbolos raciais**, estamos querendo não só possibilitar outros modos de "ver", como também *iniciar* uma grande discussão sobre estereótipo.

DEPOIMENTO

Já que as "histórias em quadrinhos estão em nova fase", como diz o Roberto Elísio, consideramos conveniente procurar alguém que *faz* histórias em quadrinhos para nos contar o lado de lá. O **JAL** aceitou. E aí está **Quadrinhos - A Linguagem Completa**, de José Alberto Lovetro. Além de contar como se faz, ele ainda nos brinda com algumas sugestões de atividades, para que possamos trabalhar com alunos.

E depois, a Renata Pallottini. Ela é assim: empresta corpo e cabeça à sensibilidade. Toda ela afetiva, é por esse caminho, com essas armas, que ela "olha" a realidade, que ela reelabora a realidade. Ela já escreveu poesia, peça de teatro e também textos científicos. Agora, publicou um romance: **Nosotros**. Como se dá o processo de elaboração de um romance (que não é o romance gráfico tratado nas HQs)? É o que ela vai nos contar no seu depoimento **Foi Assim (ou, de como escrevi meu último livro)**. E mais: é com ela que a América Latina entra na nossa revista.

EXPERIÊNCIA

Aqui, voltamos ao jornal, meio em que a tecnologia aportou e está provocando modificações, como vimos no artigo do Arlindo Machado. Já se

fala (e se faz) o *jornal eletrônico*. Em nossa realidade, que tipo de relação têm nossas crianças, de níveis socioeconômicos diversos, com o jornal? Como levar os alunos a fazerem uma leitura crítica dele? Zeca Capellini, no seu artigo **Teatro-Educação**, no número 1 da revista, diz que, no teatro, "a pessoa interfere no mundo, recriando certos modelos sociais e morais, discute e problematiza tais modelos"⁵, e isso permite aos alunos reelaborar os valores que aí estão e manifestar "modelos" diferentes desses que a vida oferece. Então, também fazer jornal com alunos pode ajudar no processo de leitura crítica e construção de outros "modelos" de vida? Januária Cristina Alves e Regina Mara Ramo acham que sim. Segundo elas, o *fazer com* "possibilita maneiras de participação e criação de um produto cultural" e fornece "meios para que reinventem a realidade". Em **O Jornal Infantil: criticar e produzir**, as autoras vão contando passo a passo a experiência que realizaram.

Professora, Maria Inês Carlos Magno se vê com mais um dos milhares de problemas cotidianos que todos enfrentamos. Ele vem da observação de um aluno: "Não consigo imaginar o que é uma guerra com trincheiras!" Quando o assunto é Primeira Guerra, não dá para ignorar esse comentário. E é isso o que a professora vai contar no seu artigo **Sala de Aula: espaço de revelações; Prova: ponto de reflexões**. Utilizando-se de filmes, a professora vai costurando soluções e, graças àquele aluno, até a prova (tão "decorativa") acaba assumindo novas feições. Sem dúvida, mais produtivas.

SERVIÇO

Não podemos perder ou deixar que nossos alunos percam o bonde da história. Todo professor tem clareza disso. Mas também de que precisamos de colaboração, para que o trabalho se efetive de maneira eficaz. Se discutimos os vários aspectos da importância do jornal e mostramos experiências feitas com ele, agora trazemos, nesta seção, a professora Flávia Aidar, que coordena o Programa Folha Educação. Seu texto **O Jornal como Instrumento Pedagógico; Programa Folha Educação: uma proposta de leitura de jornal em sala de aula** aponta para a natureza transdisciplinar do jornal (o que, portanto, justifica o que já mostramos: a necessidade de sua leitura como uma das exigências do mercado de trabalho) e informa como podemos fazer para conseguir o apoio.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Neste número continuamos a publicação da **Videografia de História para professores de 2º grau** e da **Bibliografia Especializada sobre Tele-novela**. Além disso, estamos começando a publicação de uma **Bibliografia Especializada sobre Comunicação e Educação**. Vale a pena conferir.

5. CAPELLINI, Zeca. Teatro-educação: a iniciação ao teatro. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n.1, pp. 38-9, set.-dez., 1994.